

PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO DOS MITILICULTORES DO LITORAL PAULISTA¹

Lúcio Fagundes²
Valéria Cress Gelli³
Malimíria Norico Otani⁴
Maria Carlota Meloni Vicente⁵
Carlos Eduardo Fredo⁶

1 - INTRODUÇÃO

A extração de recursos marinhos tem sido uma atividade rotineira das comunidades costeiras, tendo passado de uma atividade equilibrada e aceitável, praticada principalmente como subsistência e, também, complementação de renda, para outra de dimensões drásticas de sobre-exploração incerta e predatória. Isso é decorrência do intenso aumento populacional, incluindo-se a ocupação das áreas costeiras para atividades de lazer e turismo e o conseqüente incremento do esforço de exploração, acompanhado pelo rápido aprimoramento das tecnologias de captura, por legislações impróprias, falta de fiscalização e desorganização do setor pesqueiro. Essa política vem ocasionando violentas quedas na biomassa, provocando escassez dos recursos e quebra nos ciclos naturais, com os conseqüentes impactos ecológicos, econômicos e sociais (GELLI et al., 1998; PEREIRA et al., 2000).

A resolução do problema não é simples, pois é necessária uma mudança de paradigma de uma atividade de extração para uma atividade de manejo e que seja abordado, por

meio de uma visão de sistema, ou seja, de caráter holístico, multiinstitucional, multidisciplinar e participativo na elaboração, implantação, execução e gerenciamento de um Programa Estadual para o Desenvolvimento Responsável da Pesca e da Aqüicultura no Litoral Paulista, levando-se em consideração os preceitos estabelecidos pelo "Código de Conduta da Pesca Responsável", da FAO/ONU, no qual o Brasil é voluntário na sua aplicação (GELLI e CARNEIRO, 2002).

Assim, uma das formas mitigadoras encontradas é a implantação da atividade da aqüicultura de forma ordenada e responsável, como meio de gerar emprego e renda, elevar a produtividade das áreas costeiras pela exploração racional e manejo sustentado dos recursos, promover a fixação dos produtores em seu local de origem, proteger o ambiente, estimular as cadeias produtivas (turismo e aqüicultura) e diminuir a pressão de exploração sobre os recursos (GELLI et al., 1998; PEREIRA et al., 2000).

A aqüicultura mundial vem contribuindo de forma crescente na produção total de pescado, que segundo os dados mais recentes da FAO (2002), em 2001, a produção total da aqüicultura foi de 37,5 milhões de toneladas, ou seja, um incremento no total de produção de pescado de aproximadamente 29%.

No Brasil, a atividade da malacocultura ou criação de moluscos surgiu na década de 1970 e os primeiros cultivos comerciais foram implantados na década de 1980, mas foi somente na última década, na Região Sul do País, que a atividade despontou como agronegócio e a produção nacional de moluscos, segundo os dados da Secretaria Especial de Aqüicultura e Pesca (SEAP), em 2001, foi aproximadamente de 15.533 toneladas envolvendo cerca de 1.400 famílias produtoras.

Estudo realizado em São Paulo, por Fagundes et al. (1997), sobre custos e benefícios

¹Este trabalho faz parte da pesquisa NRP1041, cadastrada no Sistema de Informações Gerenciais dos Agronegócios (SIGA). Os autores agradecem a colaboração das pesquisadoras Celma da Siva L. Baptistella e Maria Célia Martins de Souza e das estagiárias Vivian Carolina Rodrigues e Daniela Kuntz.

²Engenheiro Agrônomo, Mestre, Pesquisador Científico do Centro APTA de Pescado Marinho/Instituto de Pesca.

³Oceanógrafa, Assistente Técnica de Pesquisa Científica e Tecnológica do Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento do Litoral Norte/Centro APTA de Pescado Marinho/Instituto de Pesca.

⁴Socióloga, Pesquisadora Científica do Instituto de Economia Agrícola.

⁵Engenheira Agrônoma, Doutora, Pesquisadora Científica do Instituto de Economia Agrícola.

⁶Engenheiro de Computação, Assistente Técnico de Direção da Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios.

em espinhel nos sistemas familiar e empresarial, concluiu que no sistema familiar a mitilicultura mostrou-se viável economicamente, com um investimento e um custo operacional relativamente baixo. A atividade visa conter o empobrecimento das comunidades de pescadores artesanais, que com o declínio dos estoques pesqueiros, em decorrência, principalmente, da poluição e da pesca predatória, ficaram com poucas alternativas de renda para que permaneçam em seu local de origem.

O litoral norte do Estado de São Paulo tem 184 praias e compreende os municípios de São Sebastião, Ilhabela, Caraguatatuba e Ubatuba (LAMPARELLI, 1999). É considerado um excelente local para a implantação da maricultura, por situar-se relativamente próximo aos principais centros consumidores (São Paulo e Rio de Janeiro), ser uma região com muitos atrativos turísticos e apresentar uma costa bastante recortada, formando pequenas baías abrigadas (MARQUES, 1998). A mitilicultura vem sendo praticada comercialmente no Estado de São Paulo desde 1983, mesmo não sendo uma atividade tradicional nas comunidades e não tendo o apoio político necessário para seu desenvolvimento (GELLI et al., 1998; PEREIRA et al., 2000). Os produtores vêm utilizando exclusivamente o método de sistema flutuante tipo espinhel ou *long line* para a criação em escala comercial do mexilhão "Perna perna". Os criadores estão organizados em associações e as fazendas marinhas estão localizadas em 23 praias ao longo do litoral. Cada fazenda familiar ocupa cerca de 2.000m² de lâmina de água e produz em média 12kg de mexilhão por metro linear de rede (GELLI; MACHADO; PEREIRA, 2002). O Instituto de Pesca (IP) da Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios (APTA) e a Coordenadoria da Assistência Técnica Integral (CATI), em seus projetos de transferência de tecnologia e de educação ambiental, têm obtido resultados positivos e sólidos, embora por meio de um processo moroso. Gelli e Carneiro (2002) relatam que a atividade teve um aumento de 9 para 95 produtores nos últimos cinco anos.

O Estado de São Paulo conta com um Programa de Desenvolvimento da Criação Ordenada de Moluscos Bivalves no Estado de São Paulo elaborado pelos técnicos do IP (PEREIRA et al., 2000) e o litoral norte já conta com o planejamento participativo de ocupação de áreas por meio dos trabalhos de demarcação e de zonea-

mento que vêm norteando ações para o desenvolvimento responsável dessa cadeia produtiva (GELLI e MARQUES, 2002).

Apesar de a mitilicultura surgir como uma alternativa promissora de trabalho e renda para os maricultores e ofertar um produto de qualidade para o mercado consumidor, a atividade ainda apresenta inúmeros entraves a serem transpostos até a sua efetiva consolidação. Nesse sentido, torna-se fundamental estudar os vários aspectos que compõem a atividade, destacando-se o conhecimento sobre a população envolvida diretamente na atividade. Assim, este trabalho tem por objetivo traçar o perfil sócio-econômico dos mitilicultores do litoral norte e sul do Estado de São Paulo, com o intuito de subsidiar os órgãos competentes em uma atuação mais eficaz no sentido de implementar políticas públicas para o setor.

2 - METODOLOGIA

Realizou-se um levantamento junto aos mitilicultores por meio de entrevistas diretas em formulário com questões direcionadas aos aspectos sócio-econômicos da população e da atividade em estudo. A pesquisa de campo foi baseada no rol de produtores, elaborado pelo IP/ APTA.

Inicialmente, identificou-se o número de fazendas e mitilicultores no litoral paulista e as comunidades a que pertencem. Posteriormente foram realizados levantamentos, via questionários, tentando abranger o maior número de produtores. Esta pesquisa foi direcionada para levantar questões de aspecto sócio-econômico do grupo e constava de dados relativos a famílias, condições de vida; e finalmente aspectos sobre produção e comercialização.

A intenção inicial do projeto era de realizar um censo sócio-econômico dos produtores de mexilhão do Estado de São Paulo, mas restrições de várias ordens não permitiram levantar informações de alguns produtores, principalmente nos locais de mais difícil acesso. No entanto, com base na experiência dos pesquisadores dos Núcleos de Pesquisa e Desenvolvimento do Litoral Norte e Sul (Ubatuba e Cananéia do IP/ APTA), que desenvolvem trabalhos junto aos mitilicultores, procurou-se levantar informações dos produtores com diferentes perfis para que todo o

universo estivesse representado. Ainda, cuidou-se de incluir, entre os entrevistados, líderes comunitários e de associados, desde que exercessem a mitilicultura; e de entrevistar pelo menos um produtor de cada comunidade. Em virtude de muitas das fazendas de mexilhão serem conduzidas por mais de um produtor, optou-se por entrevistar também os sócios da fazenda (Tabelas 1 e 2).

TABELA 1 - Número de Fazendas Produtoras de Mexilhão, por Município, Estado de São Paulo, 2001

Município	n.	%
Cananéia	5	10,2
Caraguatatuba	17	34,7
Ilhabela	6	12,2
São Sebastião	5	10,2
Ubatuba	16	32,7
Total	49	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

TABELA 2 - Total de Fazendas e de Mitilicultores Levantados, por Município, Estado de São Paulo, 2001

Município	Fazendas		Mitilicultores	
	n.	%	n.	%
Cananéia	4	10,5	7	13,7
Caraguatatuba	10	26,3	14	27,5
Ilhabela	3	7,9	6	11,8
São Sebastião	5	13,2	5	9,8
Ubatuba	16	42,1	19	37,2
Total	38	100,0	51	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

Foi consolidado um banco de dados com as informações obtidas, que posteriormente foi depurado para elaboração de tabelas. Os aspectos qualitativos da pesquisa foram observados durante a aplicação dos questionários, com o intuito de captar as aspirações dos produtores.

3 - RESULTADOS DA PESQUISA

3.1 - Universo dos Mitilicultores

Foram levantadas 38 fazendas, que

representam 77,6% do total de 49 fazendas em atividade, em 2001, no litoral do Estado de São Paulo (Tabelas 1 e 2). Esse resultado é importante de ser considerado, levando-se em conta a limitação de acesso a todos os mitilicultores, visto as dificuldades já expostas, além de alguns terem outras atividades e não estarem sempre presente em seus cultivos.

A pesquisa foi realizada junto a 51 mitilicultores, de um total de 77 que representam 66,2% do total de produtores e sócios das 49 fazendas de mexilhão. O levantamento foi realizado no litoral sul, no município de Cananéia (comunidade do Pontal do Leste/Ilha do Cardoso) e no litoral norte nos municípios de Caraguatatuba (comunidade da Cocanha), Ilhabela (comunidades da Praia Mansa, Vermelha e Figueira), Ubatuba (comunidades de Camburi, Ilha do Pró-Mirim, Praia do Engenho, Barra Seca, Saco do Barroso, Cedro, Bonete, Lázaro, Fortaleza, Pulso e Caçandoca) em São Sebastião, (comunidades da Praia da Cigarra, Toque-Toque Grande e Toque-Toque Pequeno).

Em 2001, mais da metade das fazendas de mexilhão do Estado estavam instaladas em Caraguatatuba (34,7%) e em Ubatuba (32,7%). As demais 32,7% das fazendas estavam espalhadas por Ilhabela, São Sebastião e Cananéia.

3.2 - Perfil dos Mitilicultores do Estado de São Paulo

3.2.1 - Local de moradia

A organização social dos habitantes nascidos na região litorânea de São Paulo era baseada na pequena pesca, na agricultura itinerante, no extrativismo vegetal e no artesanato. Essas atividades, que se complementavam, e eram praticadas nas cercanias da moradia onde viviam as famílias e o seu conjunto formavam as comunidades. Com a especulação imobiliária, advinda com força pela melhora das condições de acesso às regiões do litoral norte, iniciou-se a desestruturação da base de organização social, pois poucos caiçaras possuíam os títulos de propriedade de seus terrenos nas praias, que tradicionalmente passavam de pai para filho (DIEGUES, 1979), e muitos perderam a sua base de moradia e de trabalho.

Na década de 1980, com a estrada Rio-Santos houve uma grande especulação imobiliária, que resultou na inserção dessas comunidades no dia a dia das cidades, com muitos pescadores caiçaras vendendo seu rancho para turistas ou construtoras. Esses ranchos são os mais visados, pois encontram-se à beira-mar (normalmente em local de fácil acesso marítimo em baías abrigadas).

Mesmo ajustado à vida urbana, este grupo de pesquisados ainda hoje procura manter ou recriar os laços tradicionais que existiam nas praias de onde vieram. Os habitantes nascidos no litoral ou caiçaras têm a tendência de formar núcleos fechados, a relação de amizade é um fator de sucesso na vida e, em geral, está associada também à ajuda da família extensa, ou seja, à colaboração dos "compadres" (DIEGUES, 1979).

A pesquisa mostra que esta população preservou uma rede de solidariedade familiar e/ou comunitária ainda forte, pois moram em casas geralmente construídas por eles ou por seus antecessores em terreno de herança familiar. A maior parcela dos mitilicultores pesquisados (87,8%) declarou morar em vilas ou comunidades, sendo a maioria desses locais considerados bairros urbanos. Parcela substancial (83,7%) mora em casas próprias. Os demais (16,3%) declararam morar em casas alugadas ou emprestadas de pais ou como caseiros (Tabela 3).

TABELA 3 - Local de Residência dos Mitilicultores, Estado de São Paulo, 2001

Localidade	Própria	Alugada	Caseiro
Centro urbano	7	1	0
Vila Comunidade	36	1	2
Total	43	2	2
Localidade	Emprestada	Total	%
Centro urbano	0	8	16,3
Vila Comunidade	2	41	83,7
Total	2	49	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

3.2.2 - Faixa etária

A mitilicultura ainda é proporcionalmente pouco explorada junto aos mais jovens que podem ser os potenciais multiplicadores da ati-

vidade e precursores das novas técnicas e manejos de produção. Essa preocupação motivou a divulgação desse cultivo em várias escolas da região, por meio de dias de campo enfocando educação ambiental e entrando em contato com a maricultura. A figura 1 mostra que a atividade é explorada, predominantemente, por pessoas que se encontram no auge da faixa dos economicamente ativos, de 30 a 39 anos (32,0%), 20 a 29 anos (24,0%) e 40 a 49 anos (22,0%).

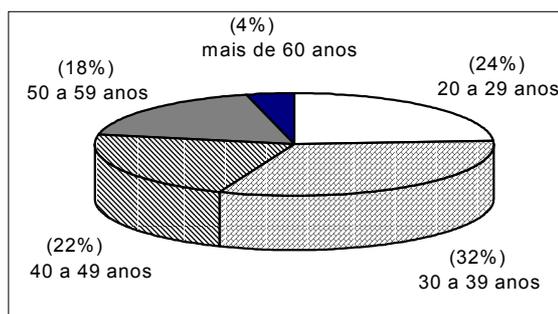


Figura 1 - Faixa Etária dos Mitilicultores, Estado de São Paulo, 2001

Fonte: Dados da pesquisa.

Os mais jovens estão concentrados em Caraguatatuba e Ubatuba. Em São Sebastião e Cananéia não há produtores com menos de 30 anos. Este último município apresenta quase todos na faixa acima de 40 anos. Essa particularidade de Cananéia deve-se ao fato de os mitilicultores pertencerem apenas a uma comunidade, que se localiza geograficamente em condição especial de cultivo (GELLI et al., 2001). Essa localização é no extremo sul da Ilha do Cardoso, local de difícil acesso e habitada por uma comunidade tradicionalmente pesqueira que, com a queda da produção provocada por vários fatores, inclusive a sobrepesca, não deixa outra opção para os jovens, a não ser mudarem para outros locais em busca de oportunidades de trabalho.

3.2.3 - Escolaridade

O nível de escolaridade formal de parte representativa dos mitilicultores é baixo, dado que mais da metade (58%) tem somente o correspondente ao primário ou não tem nenhuma instrução. Essa realidade é previsível, considerando que parte dos mitilicultores mora em regiões de

difícil acesso e importante proporção deles encontra-se na faixa etária que na infância e adolescência estudar era uma tarefa ainda mais difícil; as escolas não estavam tão disseminadas e as dificuldades de locomoção eram ainda maiores.

A parcela de produtores com escolaridade mais avançada totalizou 42%, até o 2º grau (34%) e os de nível universitário (8%). Esses produtores moram próximo aos centros urbanos, principalmente em Ubatuba e Caraguatatuba, e têm na mitilicultura uma opção de aumentar a renda, visto que muitos têm outras atividades (Figura 2).

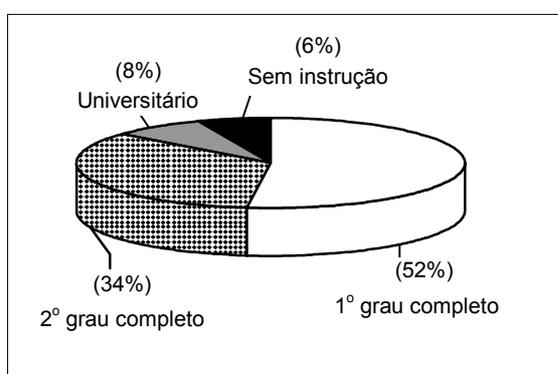


Figura 2 - Grau de Instrução dos Mitilicultores, Estado de São Paulo, 2001.

Fonte: Dados da pesquisa.

3.2.4 - Infra-estrutura

Somente 5,9% das casas da população pesquisada tem instalada a rede sanitária, 94,1% fazem uso de fossa. Considerando-se que muitos deles têm fazendas próximas ao local de moradia, esta pode ser uma situação potencialmente insustentável para a atividade (Figura 3). A coleta de esgotos no litoral norte de São Paulo, em 2001, atendia apenas cerca de 17% da população em Ubatuba, 15% em Caraguatatuba, 27% em São Sebastião e 0,5% em Ilhabela (CETESB, 2002).

A rede encanada está presente em parte significativa dos municípios. Em Caraguatatuba, praticamente todos os mitilicultores são servidos pela rede encanada de água da SABESP. Nos demais municípios, outras fontes também aparecem com importância. Parte dos produtores de Ubatuba faz uso de fonte natural trazendo água, por meio de canos de borracha,

captada de nascentes nos morros próximos e, em Cananéia, todos utilizam água de poço.

A energia elétrica é acessível em 70,6% das moradias dos produtores. Enquanto em Caraguatatuba e São Sebastião todos os produtores têm acesso. Em Cananéia, os produtores que habitam no Pontal do Leste, na Ilha do Cardoso, utilizam energia solar. Em levantamento realizado em 1971, há uma citação do Pontal do Leste relatando as conseqüências das dificuldades de locomoção, *“trata-se de uma comunidade virada exclusivamente para a pesca - seca e salga. Como vivem longe - do outro lado do mar do Arapira, as suas roças ficam abandonadas por largo tempo e o cateto e outros animais se encarregam de comer parte da produção”* (MOURÃO, 1971, p.70).

Em Ubatuba e Ilhabela, apesar de a maior parte dos mitilicultores fazer uso da energia pública, respectivamente, 73,7% e 50,0%, também é importante a parcela dos que habitam os locais mais distantes e utilizam outras fontes. São os mais citados: gerador a diesel, energia solar e, principalmente, minigeradores, que são utilizados por 50,0% dos produtores de Ilhabela e 26,3% de Ubatuba (Figura 4). Esses minigeradores são movidos por curso d'água canalizados, que carregam uma série de baterias que alimentam uma câmara de gelo comunitária e pequenos utensílios, como rádios comunicadores instalados como parte de um projeto dos iates-clubes da região.

3.2.5 - Alimentação e bens de consumo

No quesito consumo verifica-se que os eletrodomésticos presentes em praticamente todas as moradias é o rádio (98,0%) e a televisão (82,4%). De forma geral, os mitilicultores de Caraguatatuba e Ubatuba têm maior nível de consumo, sendo significativa a presença de geladeira, freezer e telefone, e ainda têm como item diferenciador em relação aos demais municípios o uso de máquina de lavar roupa nas suas moradias (Figura 5).

O uso do computador e da *internet* ainda estão restritos aos maiores centros urbanos e aos mitilicultores com maior nível educacional.

Quanto ao consumo de alimentos de proteína animal, o mais citado (68,6%) foi o peixe, seguido de carne bovina/porco (27,5%) e frango

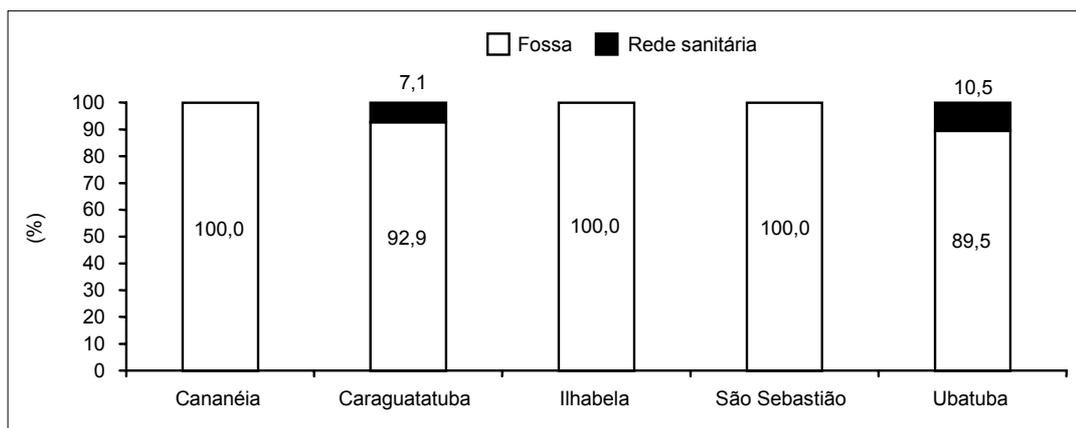


Figura 3 - Presença de Fossa e Rede Sanitária nas Residências dos Mitilicultores, por Município, Estado de São Paulo, 2001.

Fonte: Dados da pesquisa.

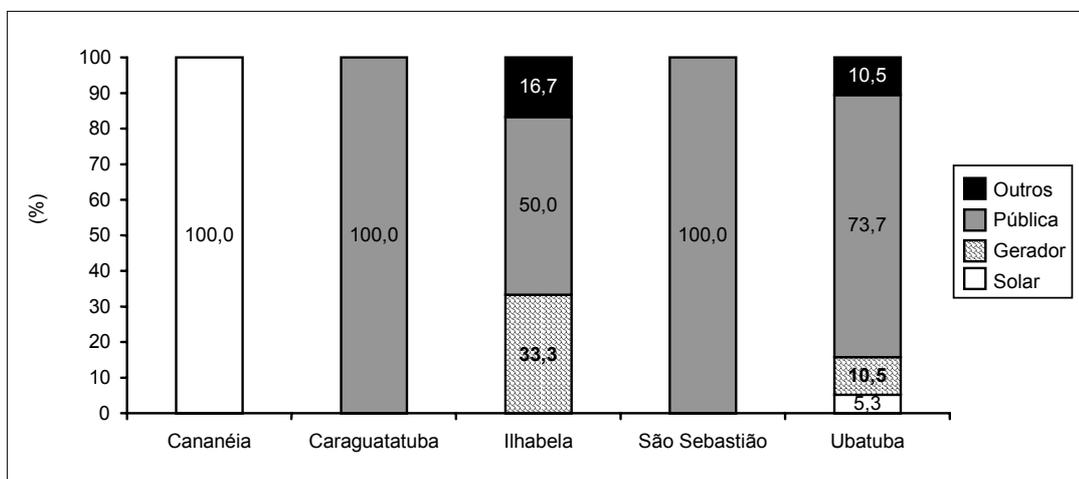


Figura 4 - Participação Percentual dos Tipos de Energia Utilizada nas Residências dos Mitilicultores, por Município, Estado de São Paulo, 2001.

Fonte: Dados da pesquisa.

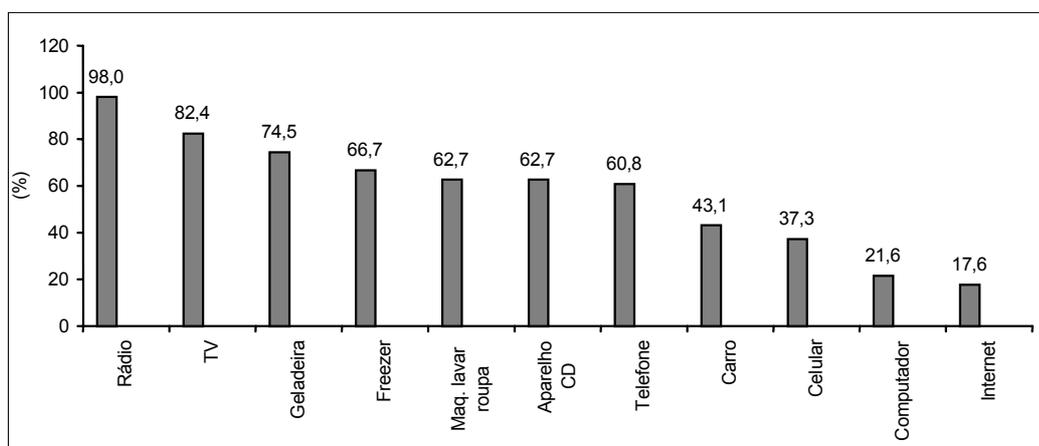


Figura 5 - Presença de Equipamentos e Eletrodomésticos nas Residências dos Mitilicultores, por Município, Estado de São Paulo, 2001.

Fonte: Dados da Pesquisa.

(19,6%). O mexilhão faz parte da dieta de somente 13,7% dos mitilicultores e de seus familiares (Figura 6). Nenhum deles declarou consumir produtos de horta doméstica ou da criação de pequenos animais. Ao longo das últimas décadas, transformações sócio-econômicas regionais mudaram a realidade local e a pequena atividade agrícola, que costumava ser a atividade complementar ou mesmo principal dos antigos pescadores, deixa de ser prática importante, neste grupo pesquisado. Portanto, a situação relatada por Diegues (1979), quando na década de 1970, os pescadores-lavradores continuavam a viver nas comunidades, principalmente nas praias distantes dos centros urbanos, onde com dificuldade procuravam ainda guardar a posse da terra e faziam suas pequenas roças, agora parece fazer parte da história da região.

3.2.6 - Lazer e acesso às informações

As atividades de lazer para os mitilicultores estão ligadas às ações cotidianas como pescar/caçar (35,3%) e/ou à prática de esportes (51,0%), incluindo-se neste item o *surf* (9,8%). A parcela dos que declararam ter atividade de lazer e praticar algum esporte, incluindo o *surf*, pode ser considerada baixa, principalmente no litoral norte, dado que moram e trabalham em regiões que apresentam as melhores condições de prática de esporte marítimo. Este comportamento é previsível, dada a faixa etária da maior parcela dos mitilicultores, pois a cultura de destinar um tempo ao lazer e à prática do esporte, ligada à saúde mental e física, é relativamente recente no País (Figura 7).

Apesar de a quase totalidade dos mitilicultores possuírem rádio, o meio de comunicação mais utilizado para obter informações é a televisão (70,6%). Somente 33,3% citam o rádio para este fim. Esses dados ressaltam a relevância da participação dos técnicos e das instituições voltadas para o desenvolvimento regional, nas programações locais, dos principais meios de comunicação acessados pelos produtores (Figura 8).

3.2.7 - Fontes de renda

A expansão da mitilicultura é relativamente recente no Estado, mais da metade (62,0%) está há menos de cinco anos na atividade que vem sendo incentivada pelos órgãos de pesquisa e extensão como alternativa de renda aos pescadores locais.

Os mitilicultores desenvolvem várias atividades para compor a renda familiar. Na pesquisa constatou-se que parte deles também trabalha com pesca e/ou em alguma atividade urbana. Somente em Cananéia, dada a distância e a dificuldade de locomoção para os centros urbanos, a totalidade dos mitilicultores tem somente a pesca como outra alternativa de renda.

Ao se considerar o conjunto dos mitilicultores que responderam à questão, observou-se que 50,0% também pescam, 30,4% desenvolvem também a atividade urbana e 19,6% procuram exercer tanto a pesca quanto a atividade urbana. As atividades urbanas referem-se, principalmente, à área de prestação de serviços: pintor, pedreiro, jardineiro, professor, marceneiro, encanador, caseiro e comerciante (Tabela 4).

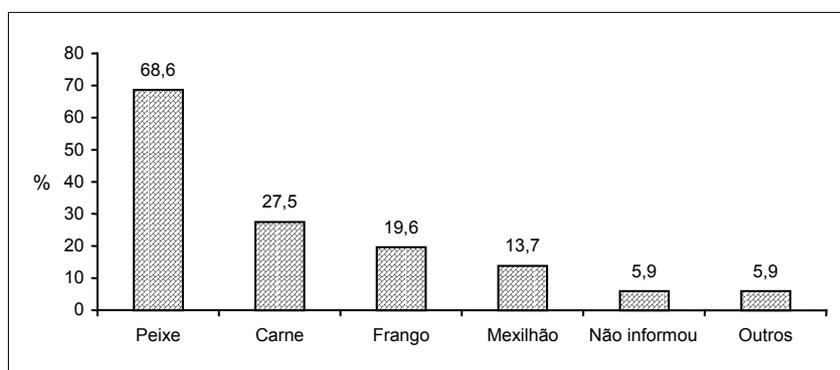


Figura 6 - Participação Percentual de Alimentos Consumidos pelas Famílias de Mitilicultores, Litoral Norte, Estado de São Paulo, 2001.

Fonte: Dados da pesquisa.

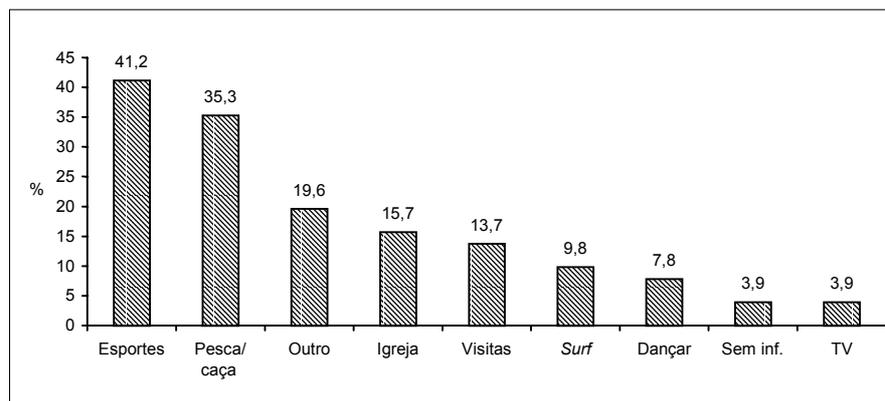


Figura 7 - Participação Percentual das Diferentes Atividades de Lazer praticadas pelos Mitilicultores, Estado de São Paulo, 2001.

Fonte: Dados da pesquisa.

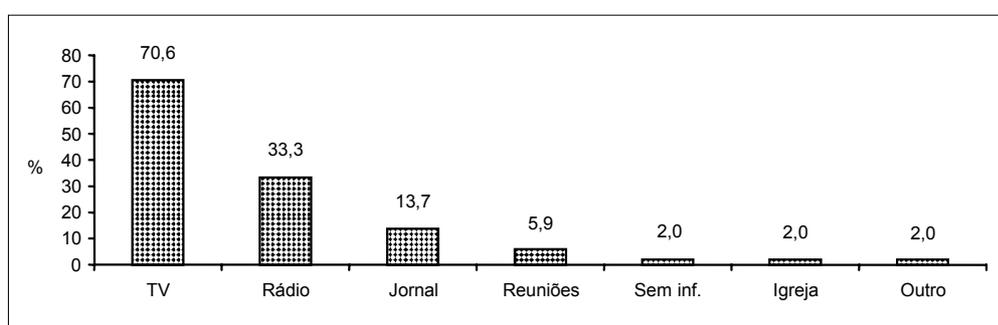


Figura 8 - Participação Percentual das Fontes de Informações Utilizadas pelos Mitilicultores, Estado de São Paulo, 2001.

Fonte: Dados da pesquisa.

TABELA 4 - Atividades Urbanas e/ou de Pesca Desenvolvidas pelos Mitilicultores, por Município, Estado de São Paulo, 2001

Município	Pesca e atividade urbana		Somente atividade urbana		Somente pesca		Total (n.)
	n.	%	n.	%	n.	%	
Cananéia	-	-	-	-	7	100,00	7
Caraguatatuba	5	38,5	5	38,5	3	23,0	13
Ilha Bela	-	-	2	33,3	4	66,7	6
São Sebastião	2	40,0	-	-	3	60,0	5
Ubatuba	2	13,3	7	46,7	6	40,0	15
Total	9	19,6	14	30,4	23	50,0	46

Fonte: Dados da pesquisa.

Considerando-se a totalidade do universo de mitilicultores pesquisado, há indicação clara de que a pesca ainda é a principal fonte de renda (mais de 50% da renda total) para 45,5% dos produtores, enquanto a prestação de serviço urbano é importante para 20,5% e a mitilicultura para somente 15,9% do total pesquisado (Tabela 5). Infere-se destes dados que, para a maior parte dos produtores, a mitilicultura ainda é encarada como atividade secundária e como forma alterna-

tiva e complementar da renda da família.

3.2.8 - Produção e comercialização

De forma geral, 58,1% dos produtores que responderam a questão compram os materiais necessários para a atividade no próprio município, embora 39,5% dos pesquisados preferam comprar na capital.

TABELA 5 - Principais Fontes de Renda dos Mitilicultores, Estado de São Paulo, 2001

Fonte de renda	Mitilicultores	
	n.	%
Aposentadoria	1	2,4
Atividade Urbana	9	20,5
Mitilicultura	7	15,9
Pesca	20	45,5
Outras	7	15,9
Total de respostas	44	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

A comercialização do produto é realizada diretamente pelo produtor de forma isolada ou pelos sócios que atuam como transportadores, entregando nos locais de consumo, usualmente, *in natura*. As formas mais freqüentes são em barracas de praia (49,2%), próximas aos locais de cultivo, ou em restaurantes (41,1%). Esta opção ocorre principalmente em Caraguatatuba, Ubatuba e Ilhabela, sendo que nesta última localidade é a alternativa mais importante de comercialização (59,5%). Em Caraguatatuba e Ubatuba, as opções de comercialização são maiores, além das já citadas, ocorre a venda em casa, de casa em casa e em peixarias. Em Cananéia e São Sebastião, praticamente toda a produção é comercializada via barracas na praia e, normalmente, obtém-se significativo acréscimo de valor, pois é servido já cozido em porções ou como refeição "lambe-lambe".

A comercialização em barracas de praia é possível, visto que, pelo atual planejamento de manejo, a colheita do mexilhão coincide com a alta temporada de verão do litoral paulista e os produtores não só conseguem escoar toda a produção, como também encontrar mercado para vender maior quantidade do produto. Os mitilicultores observam que está ocorrendo elevação tanto do volume de vendas quanto do número de compradores do produto.

Em 2001, no universo de 75% das fazendas do Estado, levantou-se a produção de 82 toneladas de mexilhões, sendo 92,7% vendidos *in natura* e a produção anual estimada em 100 toneladas. A maior parte da produção é cultivada em Caraguatatuba (36,7%) e Ubatuba (46,5%) (Figura 9).

A fim de divulgar o produto, a Associação dos Maricultores do Estado de São Paulo (AMESP) vem, desde 1998, organizando even-

tos, como o Festival de Mexilhão de Cultivo, com degustação que atraem cerca de 2 mil pessoas, em parceria com o Instituto de Pesca, prefeitura de Ubatuba e o comércio local.

A tecnologia de sistema de coleta para obtenção de sementes proporciona disponibilidade, planejamento da produção e a preservação dos bancos naturais. Com essa estrutura o produtor pode ter noção dos períodos do ano ideais para executar cada etapa do processo de produção. Esse processo afasta gradualmente os riscos e incertezas da obtenção de sementes (mexilhões jovens de até 4cm de comprimento total) a partir de raspagens de costões (LUNETTA, s.d).

No entanto, apesar de iniciativas para divulgar o produto, disponibilidade de tecnologia apropriada e demanda cada vez maior por mexilhão, verifica-se que a atual produção obtida pelo conjunto de mitilicultores está muito abaixo da capacidade possível de se obter nas áreas de explorações e que está havendo uma subutilização do espaço produtivo. Essa situação pode ser explicada pelo desinteresse das autoridades pela atividade, potencialmente geradora de emprego e renda para populações costeiras tradicionais.

3.2.9 - Manejo de sementes

Embora as constantes orientações passadas pelos técnicos sobre a importância da preservação das sementes para a própria sustentabilidade da atividade, parte significativa dos produtores (75,0%) declara ainda coletar 50,0%, ou mais, de sementes de mexilhão dos estoques naturais e o restante obter de forma artificial.

3.2.10 - Treinamento e associativismo

Quase todos os produtores (86,3%) realizaram cursos de especialização de manejo do cultivo de mexilhão (Figura 10). O Instituto de Pesca/APTA foi o responsável pela quase totalidade dos cursos ministrados, sendo citado por 80,4% dos produtores. Nos municípios de Ilhabela e São Sebastião também é citada a Casa de Agricultura de São Sebastião/CATI.

A assistência técnica é recebida por 76,5% dos mitilicultores. Em Caraguatatuba, Cananéia e Ubatuba, é realizada principalmente pe-

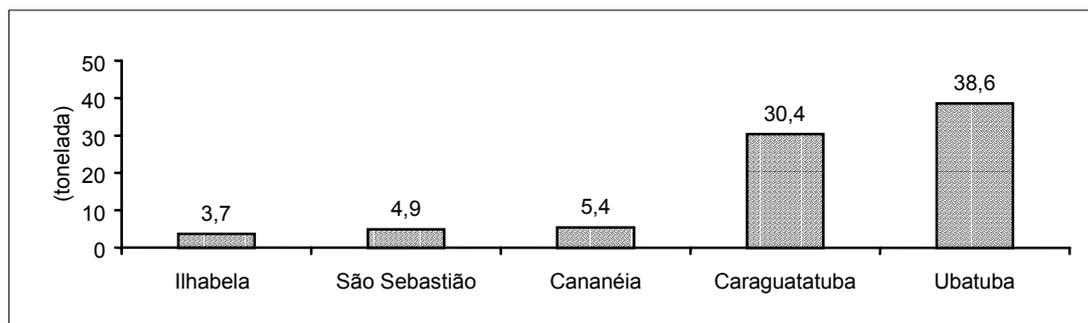


Figura 9 - Produção de Mexilhão, por Município, Estado de São Paulo, 2001.

Fonte: Dados da pesquisa.

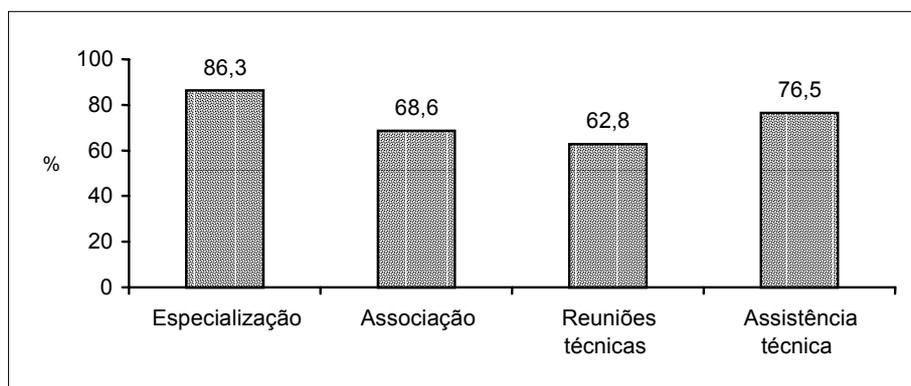


Figura 10 - Percentual de Participação dos Mitilicultores em Cursos de Manejo e Recebimento de Assistência Técnica, Estado de São Paulo, 2001.

Fonte: Dados da pesquisa.

lo Instituto de Pesca/APTA, enquanto em São Sebastião e Ilhabela a referência mais presente é a Casa de Agricultura de São Sebastião/CATI.

Segundo literatura especializada, o nível de dificuldade de associar os pescadores é maior, comparando-se com as comunidades agrícolas, dado que apresentam formas menos intensas de solidariedade e ajuda mútua, devido ao fato de o pescador explorar um bem comum, que é o mar (DIEGUES, 1974).

O produto da pesca leva a uma disputa, pois ele somente passa a pertencer a um pescador após ser pescado. Entretanto, a maricultura tem uma característica própria dos agricultores, ou seja, uma maior facilidade de agregação. Dentre os mitilicultores, a necessidade de disputa por área para cultivo também poderia ser um fator de tensão no grupo, dificultando a formação de uma rede de organização mais sólida. No entanto, o levantamento indicou que essa tendência não se verifica, pois há uma parcela representativa de 68,6% dos produtores que afirmam fazer parte de alguma

associação, sendo que 58,8% da Associação dos Mitilicultores do Estado de São Paulo (AMESP) e ainda 62,8% participa de reuniões técnicas. É interessante notar que há uma rede de articulações que, nesse caso, funciona como um apoio para discutir os problemas técnicos, legais, conflitos com outras atividades e estratégias na compra de insumo. Essa convergência de interesses e ações, no entanto, ainda não foi despertada para se associarem para vender, tendo em vista que conseguem comercializar individualmente ou em pequenos grupos a totalidade da produção. Os associados são principalmente de Caraguatatuba e Ubatuba, fato provavelmente relacionado à maior escolaridade dos produtores e também às moradias próximas aos centros urbanos, um facilitador para uma maior integração.

As colônias de pescadores têm a função de orientar na retirada de documentos e nas noções legais sobre a pesca e agregar as necessidades e reivindicações do setor. Nos municípios de Cananéia, Caraguatatuba e São Sebas-

tião, quase a totalidade dos produtores é associada, enquanto em Ilhabela e Ubatuba, somente metade dos produtores fazem parte. Essa diferença deve-se à combinação de fatores: falta de esclarecimento dos pescadores sobre a importância desse órgão e a necessidade de uma contribuição mensal à colônia.

3.2.11 - Expectativa futura

Todos avaliam a atividade como promissora, uma alternativa à pesca, cuja produção vem decaindo nos últimos anos. Julgam ser uma oportunidade para continuar trabalhando no mar e obter boa elevação de renda.

Parte significativa (72,6%) dos produtores gostariam que os filhos continuassem na atividade e de ampliar a produção com o aumento de espinhéis (86,3%), ou ainda, 92,2% têm como meta diversificar mais a atividade ou manejo, as mais citadas são: produzir peixe em tanque-rede (51,0%), criar ostras (45,1%) e criar camarão (39,2%). A grande maioria acredita poder melhorar a atividade se tiver acesso às novas tecnologias.

Os entraves apontados com maior frequência são as condições climáticas adversas que ocasionam ressacas, pouca disponibilidade de sementes nos costões, furtos do produto, conflitos com a atividade da pesca de isca-viva e com a atividade turística, a falta de regulamentação, a inexistência de canais de comercialização, a deficiência de acesso à tecnologia e ao financiamento para o setor, relatos já citados por Gelli et al. (1998).

O Instituto de Pesca/APTA vem desenvolvendo pesquisas em maricultura de outros organismos, tais como: peixes, camarões, vieiras, ostras e algas. Os resultados obtidos ainda são incipientes, porém promissores. Há necessidade de investimentos importantes para as áreas de geração de pesquisa e tecnologia para o desenvolvimento das atividades.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O perfil dos mitilicultores indica que, apesar de viverem em comunidades ou vilas de pescadores, a maior parte dos produtores está integrada à vida e ao padrão de consumo da

cidade, principalmente os que estão localizados mais próximos aos centros urbanos, como os produtores de Caraguatatuba e a maior parte dos de Ubatuba e São Sebastião.

Observa-se que há ainda entre eles resquícios da tradição de solidariedade familiar e comunitária, com compartilhamento de moradias em terrenos comuns que, no entanto, nem sempre se traduzem em fortalecimento das organizações de produção ou de trabalho.

Nos relatos junto aos produtores, a mitilicultura aparece como uma alternativa promissora, de boa rentabilidade e uma opção de renda para sua geração futura. Na prática, por ser uma atividade recente no litoral paulista, não se observou a transferência da atividade para os familiares.

Os principais pontos de estrangulamento da atividade já relatados por Gelli et al. (1998) e Pereira et al. (2000) e confirmados pelos mitilicultores são: falta de regularização da atividade, dificuldade de acesso ao financiamento, ausência de certificação do produto pelo Serviço de Inspeção Federal e pela Vigilância Sanitária, falhas no sistema de escoamento da produção para os pontos de comercialização, entre outros.

Há disputa por área de produção e estratégias familiares para garantir maior área de cultivo. Observa-se, no entanto, uma subutilização desse espaço produtivo, com a mitilicultura ainda encarada como atividade secundária - complementar à atividade da pesca ou à prestação de serviços urbanos - para ser explorada somente na alta temporada, com a venda direta do produto *in natura* para turistas e restaurantes.

Os produtores planejam a atividade visando minimizar os riscos e colocar toda a produção no mercado. Normalmente, o verão é a época mais promissora para a comercialização junto aos turistas.

É necessário que haja uma política para alavancar a atividade, implementando a regulamentação da maricultura, o serviço de monitoramento permanente da qualidade da água, o desenvolvimento de produtos industrializados e, também, pesquisar as alternativas viáveis de comercialização da produção fora da temporada.

O desenvolvimento da mitilicultura, assim como do cultivo de outros produtos marítimos, pode se tornar importante aliado para os municípios litorâneos, pois demandam força-de-trabalho na produção, na transformação e na

comercialização dos produtos, imprimindo maior dinamismo no mercado de trabalho e na economia local. Além de se tornar fonte de arrecadação de recursos, poderão ser criadas, o que é mais

importante, oportunidades para o trabalhador local continuar na sua região de origem, participando e enriquecendo as tradições familiares e culturais e preservando a sua identidade social.

LITERATURA CITADA

CETESB. **Relatório de balneabilidade das praias paulistas 2001**. São Paulo, 2002. 208 p.

DIEGUES, A. C. S. **A pesca em Ubatuba**: estudo sócio econômico. São Paulo: Sudelpa, 1974. 93 p.

_____. **Pescadores, sitiantes e trabalhadores do mar**. 1979. 314 p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

FAGUNDES, L. et al. Custos e benefícios da mitilicultura em espinhel no sistema empresarial e familiar. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 33-47, fev. 1997.

FAO. The state of world fisheries and aquaculture. Italy, 2002. Disponível em: <<http://www.fao.org/docrep/005/y7300e/y7300e00.htm>>. Acesso em: 19 dez. 2003.

GELLI, V. C.; CARNEIRO, M. H. Quadro evolutivo da pesca e da aquicultura no litoral norte. In: SUBSÍDIOS para elaboração do plano de ação e gestão para o desenvolvimento sustentável do litoral norte de São Paulo. São Paulo: Secretaria de Meio Ambiente, 2002. p. 88-90.

_____; MARQUES, H. L. Demarcação de áreas como subsídio ao ordenamento espacial da mitilicultura no litoral norte do estado de São Paulo. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE OCEANOGRAFIA, 1., 2002. São Paulo: USP/Instituto Oceanográfico, 2002. CD.

_____; MACHADO, I. C.; PEREIRA, O. Diagnóstico da criação de moluscos bivalves no litoral paulista. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE OCEANOGRAFIA, 1., 2002. São Paulo: USP/Instituto Oceanográfico, 2002. CD

_____. et al. Análise preliminar do crescimento do mexilhão *Perna perna* cultivado no ambiente lagunar de Cananéia. In: SEMANA NACIONAL DE OCEANOGRAFIA, 14., 2001. CD.

_____. et al. Caracterização da mitilicultura no litoral norte de São Paulo. In: SEMANA NACIONAL DE OCEANOGRAFIA, 11., 1998. **Anais...** p. 586-7

LAMPARELLI, C. C. **Mapeamento dos ecossistemas costeiros do estado de São Paulo**. São Paulo: CETESB, 1999. 108 p.

LUNETTA, J. E. **Simpósio de Biologia Marinha**, 17., s.d. (Palestras). Disponível em: <<http://www.usp.br/cbm/novo>>. Acesso em: 16 set. 2003.

MARQUES, H. L. A. **Criação comercial de mexilhões**. São Paulo: Nobel, 1998. 109 p.

MOURÃO, F. A. A. **Os pescadores do litoral sul do estado de São Paulo descrições complementares**: levantamento e dados sobre a área pesquisada de Santos e Paranaguá. São Paulo, 1971. Anexo I, 238 p.

PEREIRA, O. M. et al. **Programa de desenvolvimento da criação ordenada de moluscos bivalves no estado de São Paulo**. São Paulo: SAA/APTA/IP, 2000. (Relatórios Técnicos).

PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO DOS MITILICULTORES DO LITORAL PAULISTA

RESUMO: A mitilicultura, bem como o cultivo de outros produtos marítimos, constitui importante atividade para o desenvolvimento dos municípios litorâneos, pois demandam força-de-trabalho na produção, na transformação e na comercialização dos produtos, dinamizando o mercado de trabalho e a economia local. Devido à importância da atividade, este trabalho tem por objetivo traçar o perfil sócio-econômico dos mitilicultores do litoral norte e sul do Estado de São Paulo. Para obtenção dos resultados, realizou-se um levantamento junto aos mitilicultores, por meio de entrevistas diretas em formulário com questões direcionadas aos aspectos sócio-econômicos da população e da atividade em estudo. Foram coletadas informações de 38 fazendas, ou seja, 77,6% do total de 49 fazendas em atividade em 2001 no litoral do Estado de São Paulo. Os resultados obtidos apontaram na atividade pesquisada oportunidades para o trabalhador local continuar na sua região de origem, participando e enriquecendo as tradições familiares e culturais e preservando a sua identidade social.

Palavras-chave: mitilicultor, cultivo de mexilhão, perfil sócio-econômico, litoral do Estado de São Paulo.

SOCIOECONOMIC PROFILE OF MUSSEL CULTURE IN THE COASTAL ZONE OF SÃO PAULO STATE

ABSTRACT: The mussel culture, as well as the cultivation of another marine products constitutes important activities for the development of the municipal districts coastline, because they demand force-of-work in the production, in the transformation and in the commercialization of the products, improving the labor market and the local economy. Due to the importance of the activity, this work has for objective to trace the socioeconomic profile of the mussel culture of the north coastline and south of São Paulo State. For obtaining of the result, he/she took place a rising close to the mussel culture, by means of direct interviews in form with subjects addressed to the socioeconomic aspects of the population and of the activity in study. Information of 38 farms were collected, that is to say, 77,6% of the total of 49 farms in activity the year of 2001 in the coastline of the São Paulo State. The obtained results pointed in the researched activity, opportunities for the local worker to continue in its origin area, participating and enriching the family and cultural traditions, and preserving its social identity.

Key-words: mitilicultor, mussel culture, socioeconomic profile, São Paulo State coastline.

Recebido em 27/01/2003. Liberado para publicação em 29/03/2004.